

Narrativas de Resistência no Podcast e Programa “Kunhantã”: Tessituras das Memórias Identitárias de Mulheres Indígenas em Roraima¹

Adriã Galvão SILVA²

Lisiane Machado AGUIAR³

Universidade Federal de Roraima, Roraima, RR

RESUMO

O presente trabalho é uma cartografia da produção do podcast e programa “Kunhantã”, ambos disponíveis respectivamente na plataforma de streaming Spotify e na programação da Rádio Universitária da Universidade Federal de Roraima 95,9 FM. O nome faz referência à palavra indígena Tupi-Guarani “cunhantã”, que significa “mulher resistente”. Semanalmente, o Kunhantã entrevista mulheres indígenas que vivem em Roraima para falar sobre suas vivências, histórias e saberes. A pesquisa fundamenta por meio de debates teóricos e metodológicos as implicações da memória na constituição das identidades indígenas, integrando a oralidade como subsídio comunicacional para a materialização dos saberes ancestrais que instituem os povos originários, tendo como exemplo concreto o próprio podcast e programa Kunhantã. Em 2023, a produção sonora tornou-se projeto de extensão da Universidade Federal de Roraima, estreando um programa semanal na Rádio Universitária e integrou o projeto de pesquisa “Comunicadores indígenas e territorialidade amazônica: o protagonismo na criação de conteúdos digitais em Roraima”.

Palavras-chave: podcast, mulher indígena, identidade, memória, oralidade, Kunhantã.

APORTES TEÓRICOS METODOLÓGICOS

Com a presente obra, busca-se compreender como o Kunhantã pode ser uma ferramenta de resistência para a preservação da memória identitária e fortalecimento da autonomia comunicacional da mulher indígena em Roraima a partir do uso de instrumentos tecnológicos comunicacionais utilizados para a captação de entrevistas (podcast e programa de rádio), aqui chamados de guardadores de memórias. Atualmente, o Kunhantã possui 13 episódios com as seguintes temáticas: Saúde Mental da Mulher Indígena: Iterniza Pereira; Warao em Movimento: Argênia Alcântara; Demarcando a Universidade: Yara Makuxi; Bordado e Pintura: Georgina Sarmiento; Comunicação Indígena: Mayra Wapichana; Sucuri de Roraima: Alcineia Pinho; Mulheres que fazem

¹Trabalho apresentado no Intercom Júnior – IJ05 – Comunicação Multimídia do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

²Graduada no curso de Comunicação Social-Jornalismo da UFRR, email: galvaoadria11@gmail.com

³Orientadora do trabalho. Professora do curso de Jornalismo e do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFRR, email: lisiaguair@gmail.com

Sol: Sony Ferseck; Indigenizando a Pesquisa: Yara Makuxi; Indígenas na Medicina: Suenia Manduca; Comunicação na Amazônia: Glycy Makuxi; A Boca da Mata: Leoneide Pinho, Cobertura da Crise Yanomami: Evilene Paixão, Pintura e Grafismo: Adrielle Pinho e Escrevendo nossas Histórias: Márcia Fernandes. A gravação e edição dos materiais foram realizadas por meio do aplicativo *Audacity*, já a veiculação do podcast foi feita através do aplicativo *Anchor*, que permite a distribuição de podcasts na rede de *streaming Spotify*. A identidade visual do Kunhantã possui as cores verde, marrom e preto. A logomarca traz uma mulher indígena cujo rosto possui pinturas que fazem referência a um alto falante. Além das entrevistas com duração média de 50 minutos, o Kunhantã insere entre o intervalo dos blocos, músicas produzidas por artistas indígenas do Brasil. O chamamento das mulheres para a entrevista é feito por meio de whatsapp, instagram, facebook ou presencialmente durante encontros em assembleias, fóruns e demais eventos que reúnem mulheres indígenas. O programa e podcast é apresentado, produzido, editado e divulgado por mim, com supervisão do diretor da Rádio Universitária. Ele reúne personalidades de diferentes áreas do conhecimento e distintas vivências e possui o roteiro construído a partir do perfil de cada mulher entrevistada. Em outubro de 2022, quando a produção não havia sido disponibilizada nas redes de streaming, apresentei a proposta do podcast às lideranças indígenas de diversas etnias de Roraima durante o Primeiro Seminário Estadual de Mulheres Indígenas, ocorrido no Centro de Convenções Lago Caracaranã, na Terra Indígena Raposa Serra do Sol. O objetivo foi falar sobre o material que estava sendo produzido e submeter à avaliação e aprovação das mulheres presentes. O podcast foi aprovado e ressaltei o convite para a participação das presentes nas entrevistas. O Kunhantã teve seu embrião formado ainda no primeiro semestre de 2022, como proposta de trabalho para a disciplina de Jornalismo Comunitário, parte da grade curricular do curso de bacharelado em Comunicação Social-Jornalismo, da Universidade Federal de Roraima. Em fevereiro de 2023, submeti o Podcast Kunhantã para concorrer como projeto de extensão da Universidade Federal de Roraima, para se tornar programa de rádio. Após aprovado, no dia 28 de abril, ocorreu a estreia da primeira edição na rádio, com a entrevista ao vivo de Georgina Sarmiento, mulher indígena Makuxi e Wapichana, artista visual, bordadeira e ilustradora. Após a veiculação dos programas na rádio, eles são editados para formato de podcast e armazenados na plataforma de streaming Spotify. Além de ser fruto da inquietação diante das experiências de dominação e subalternidade impostas às identidades indígenas nos diversos espaços da sociedade, que nada mais é que o reflexo dos mais de 500 anos de colonização no Brasil. O que se propõe é a reconstrução e afirmação das representações indígenas presentes nos campos políticos, culturais e comunicacionais a partir do reconhecimento da autonomia e propriedade intelectual desses povos. Ao pensar em narrativas de resistência, evoco os saberes ancestrais das mulheres benzedeiras, rezadeiras, parteiras, contadoras de história e todas as matriarcas que dedicaram suas vidas aos saberes que compõem nossa identidade indígena, mas que não tem sua biografia registrada nas peles de papel feita pelos brancos. Elas, assim como eu, não necessitariam resistir, se não tivessem a vida e o território sempre em risco, e nem lutariam para a preservação de suas memórias, se não estivessem constantemente sendo roubadas. Nas palavras de Eduardo Viveiros de Castro em seu texto *Involuntários da*

¹Trabalho apresentado no Intercom Júnior – IJ05 – Comunicação Multimídia do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

²Graduada no curso de Comunicação Social-Jornalismo da UFRR, email: galvaoadria11@gmail.com

³Orientadora do trabalho. Professora do curso de Jornalismo e do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFRR, email: lisiaguier@gmail.com

Pátria (Reprodução de Aula pública realizada durante o ato Abril Indígena, Cinelândia, Rio de Janeiro em 20 de abril de 2016), digo que me sinto mais indígena que cidadã porque o Estado, como diz o professor tenta nos “desindianizar ‘transformá-los’ em ‘trabalhadores nacionais’. Cristianizá-los, ‘vesti-los’ [...] Mas, acima de tudo, cortar a relação deles com a terra. Separar os índios de sua relação orgânica, política, social, vital com a terra e com suas comunidades que vivem da terra. Acontece que o sangue indígena derramado em prol do que chama de desenvolvimento do Brasil não nos deixa abaixar a flecha e descansar. Estamos sempre em risco de vida porque muitos dos nossos territórios estão sendo invadidos, e ainda em guerra, estamos lutando pelo reconhecimento da sabedoria presente em cada povo indígena do Brasil, que com suas diferentes línguas, danças, cantos e histórias, resistem ao reducionismo ignorante daqueles que insistem em chamar-nos de “índios”. Do resistir para existir, está o chamado para o ato de tecer memórias, que nos posiciona nessa ativa participação do acionamento, resgate e construção dos saberes que sustentam a identidade de um povo. Propõe-se então a cartografia do processo de produção do que aqui chamaremos de guardador de memórias, isso porque essa é função dada ao instrumento comunicacional responsável por unir, captar, armazenar e difundir saberes, o podcast e o programa de rádio. Cartografar nada mais é que a nossa capacidade de, a partir da troca horizontal de conhecimento, captar as singularidades presentes nas experiências humanas. “É pela via da produção de acontecimentos que essa modalidade de pesquisa pode ser captada (PAULON; ROMAGNOLI, 2010, p. 92)

Sob a ótica das pesquisadoras Paulon e Romagnoli, o pensamento cartográfico toma forma de canoa e navega entre falas e escutas que assim como a água de um rio que corre, não pode ser experimentada da mesma forma outra vez. O novo olhar sobre a pesquisa tenta abarcar a complexidade e o ineditismo que se efetua na sustentação dos planos de análise que compõem a realidade. A cartografia me insere na condição de pesquisadora-interventora, na qual é possível também ser sujeito de pesquisa, ao mesmo tempo que convido outros sujeitos a participarem, sem a necessidade do pré-estabelecido distanciamento entre o pesquisador e o sujeito de pesquisa. Somos uma só, dentro de muitas, construindo saberes e desobedecendo metodologias impostas a nossa forma de existir no mundo.

Se produzir conhecimento a partir das subjetividades e singularidades do cotidiano pede uma posição de troca, que singularidades são produzidas enquanto mulheres indígenas estão conversando sobre suas vivências em um estúdio de gravação, diante de um intimismo uno, e provenientes disso, qual a necessidade de materializar tais experiências?

Ora, o filósofo e liderança indígena Ailton Krenak, conta que a memória é a consciência crítica. É o que nos faz entender quem somos e direciona a forma que vamos nos posicionar perante nossas vivências no mundo. Com a ausência dessa memória, ficamos reféns de qualquer discurso manipulador e colonizador que vai ditar ou nortear nossa vida. Um discurso que insiste em dizer que nós indígenas precisamos nos encaixar em determinados padrões para ocupar espaços e presença na sociedade. No livro “Ideias para adiar o fim do mundo”, Ailton conta que a modernização arrancou o povo do campo e da floresta de seus lugares de origem e jogou neste liquidificador chamado humanidade, que insiste em dizer que somos todos iguais, um movimento tão perverso que levou muitos

¹Trabalho apresentado no Intercom Júnior – IJ05 – Comunicação Multimídia do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

²Graduada no curso de Comunicação Social-Jornalismo da UFRR, email: galvaoadria11@gmail.com

³Orientadora do trabalho. Professora do curso de Jornalismo e do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFRR, email: lisiaguair@gmail.com

parentes ao esquecimento e desconhecimento da própria origem. Se as pessoas não tivessem vínculos profundos com sua memória ancestral, com as referências que dão sustentação a uma identidade, ficariam loucas nesse mundo maluco que compartilhamos (KRENAK, 2018, P. 9). O que estamos tentando fazer ao evocar a resistência, é manter nossa sanidade em meio a homogeneidade imposta pela colonização. Como indígena urbanizada, arrancada do peito da mãe terra, o caminho para o não esquecimento vem através da coletividade, da conexão com parentas e parentes que não deixam minha memória morrer. E não poderia ser de outra forma pois entendemos que uma experiência dessa natureza tem sempre a companhia de muitos sujeitos e carrega também o modo coletivo dos povos indígenas de estar no mundo (GRAÚNA, SANTOS, CARVALHO, 2011, p. 18).

Viver a produção do Kunhantã e cartografá-la intui também o meu papel como mulher indígena de fortalecer nossa resistência em defender as identidades indígenas, que é o único caminho para a existência diante do cenário de apagamento e violência sistemática em que se encontram os povos originários. Empristo e amplio as palavras de Jerome Rothenberg na obra Etnopoesia do Milênio e digo que estamos construindo aqui um artigo-respiro-resistência, fruto da necessidade de respirar ar puro em meio a tanto negacionismo das nossa presença no globo. Nosso papel é cartografar quem somos enquanto falamos, pois a fala não difere da nossa existência, ao mesmo tempo que resgata aqueles que pendem ao esquecimento do que são. O mestre Ailton Krenak conta que passamos tanto tempo tentando adiar o fim do mundo e buscando uma utilidade para nossa existência que esquecemos de simplesmente experienciar nosso pisar na terra, o que nos faz vivos e conscientes do que somos para viver a mercê do que o capitalismo manda, esse que é selvagem e cruel a qualquer um que não pregue sua monocultura (KRENAK, 2018, p. 31). Como previu o Xamã Yanomami Davi Kopenawa na obra A Queda do Céu, o céu vai cair sobre nossas cabeças. E o que fizemos até agora? Nos trancamos em nossos casulos cheios de si e esquecemos que existem povos que seguram o céu. Somos nós, povos indígenas, que ainda insistem e resistem em sua forma de viver, ser, pisar, escrever, falar, sentir, produzir.

O que estamos criando aqui, são paraquedas coloridos para essa queda do céu. Por isso, o chamamento para a materialização dos nossos saberes, para que nossos filhos, filhas, netos e netas tenham subsídio para o não esquecimento do que são e se preparem para continuar o legado da resistência, pois sabemos que esse é só começo. Queremos ser presença para além dos nossos territórios, nos apropriar dos conhecimentos do mundo da cidade, em especial aqueles fornecidos pelas universidades. Entrelaço-me então com o questionamento da primeira indígena mestre em comunicação do Brasil, Ariene Susui: Qual será de fato a nossa contribuição para a academia e as nossas comunidades? Ao longo de toda essa escrita é necessário fazermos a autocrítica, pois estaremos em constante contato com outros pensamentos, o cuidado é para não nos perdemos nas inúmeras teorias e não esquecermos que nossos anciãos precisam que nossa passagem pela universidade sirva para ajudar nosso povo (LIMA, 2022, p.32). Ariene propõe então a possibilidade de articular conjuntos de ideias e pensamentos que possam ajudar a situar a experiência da comunicação indígena no interior dos movimentos de organização indígenas e também o diálogo com os aportes teóricos comunicacionais alternativos. Da mesma forma, a articulação coloca as pesquisas acadêmicas em debate a partir da vivência comunicacional

¹Trabalho apresentado no Intercom Júnior – IJ05 – Comunicação Multimídia do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

²Graduada no curso de Comunicação Social-Jornalismo da UFRR, email: galvaoadria11@gmail.com

³Orientadora do trabalho. Professora do curso de Jornalismo e do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFRR, email: lisiaguiair@gmail.com

que temos, para refletir criticamente sobre os usos e sentidos desses estudos, o que em si sinaliza com a perspectiva anti colonial (LIMA, 2022, p. 53). Dessa forma, (LIMA, 2022, p. 23) entende que os arranjos teóricos e as experiências empíricas são processos dinâmicos e culturais, especialmente no eixo da comunicação, e que refletir sobre essa ordem abre sempre novas visões e práticas do pensar metodológico. Essa abertura de mundo nos dá então a capacidade de desempenhar novas formas de articular ações eficazes a ponto de compor a artesanaria identitária e comunicacional indígena, nos apropriando dos conhecimentos absorvidos no âmbito urbano para a produção de memórias que estruturam os saberes originários. Como ressalta o secretário executivo do Ministério dos Povos Indígenas, Eloy Terena: “Para nós, povos indígenas, a única razão de deixar a aldeia e ingressar na academia é ter a certeza que poderemos nos apropriar desses ‘ditos conhecimentos científicos’ e de alguma maneira usá-los em prol de nossa comunidade. A isto se alia a justificativa de ordem acadêmica. É a oportunidade do pesquisador indígena, enquanto representante de seu povo, falar em nome dele. Como é corrente entre nós a expressão ‘já chega do purutuyê [branco] falar por nós! Nós temos que falar por nós agora, é para isso que enviamos nossos jovens para as universidades, para competir de igual” (AMADO, 2019, p.25). As mãos que traçam um novo mapa em direção às possibilidades do saber necessitam então compreender a relação simbiótica entre as narrativas autobiográficas das populações indígenas e o território fértil para construção de campos de pesquisa empíricos e autônomos. Ao utilizar o método cartográfico social para análise e descrição de rituais em um quilombo no Rio Grande do Sul, Valéria Labrea (2015) apresenta a cartografia social como ferramenta de resistência das comunidades tradicionais às dinâmicas da globalização e sugere desenvolver narrativas que demarquem a propriedade intelectual indígena na produção de conhecimentos e não mais limitar as populações originárias com a função única de participação na reserva da biodiversidade. “A cartografia possibilita retratar uma história individual e coletiva, ao reexaminar o passado no presente, mapeando cenários de futuro possíveis, criando novos campos empíricos próprios para a sociologia das ausências entendida como um procedimento que permite ao pesquisador traduzir um tempo e um território histórico e cultural em categorias passíveis de serem problematizadas e credibilizadas, mostrando que co-existem outros discursos, outras formas de pensar e outros modos de pesquisar” (LABREA, 2015, p.8-9).

Nesse acompanhamento, buscou-se então evocar a milenar forma de comunicação dos povos indígenas: a oralidade. Antes da escrita, as palavras flutuavam na natureza. É a forma mais verdadeira de se exprimir emoções, sentimentos, revoltas e tristezas. As matriarcas sempre foram mestras em preservar a memória ancestral. Utilizando sua voz, contavam para suas filhas, netas, bisnetas histórias das entidades criadoras do céu, da terra e tudo o que nela há, os nossos encantados. Os entoados cantos na língua materna anunciavam momentos, celebravam conquistas e sinalizavam a despedida, vinham sempre das bocas fêmeas (PACHAMAMA, 2019, p.137). A voz da mulher indígena esteve presente em todo o ensino. As palavras aconseladoras tinham como ponto de partida a necessidade de lutar pelo território, saúde, cultura e educação. Sentavam-se embaixo da árvore com outras mulheres para tecer fios de palha de buriti que se tornariam grandes cestos, agulhavam sementes transformadas posteriormente em adereços. Enquanto a matriarca transmitia saberes, todas escutavam atentamente. Ensinavam sobre plantas que

¹Trabalho apresentado no Intercom Júnior – IJ05 – Comunicação Multimídia do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

²Graduada no curso de Comunicação Social-Jornalismo da UFRR, email: galvaoadria11@gmail.com

³Orientadora do trabalho. Professora do curso de Jornalismo e do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFRR, email: lisiaguier@gmail.com

curam doenças e a extração de raízes para outros medicamentos e transmitiam para as mais novas a construção dos rituais de seu povo. Como parte das sociedades de oralidade, os povos indígenas possuem “uma inscrição que se manifesta historicamente de geração para geração; uma inscrição que se define desde o domínio da arte de contar histórias e mitos, no qual a materialidade sonora é um dos grandes recursos de preservação da identidade da própria língua (SOUZA, 2016, p. 38). Dessa forma, passamos a compreender a influência da historicidade milenar dos originários, mais ainda, a intervenção das mulheres originárias, na estruturação do viver cotidiano e no tecimento coletivo dos acontecimentos e interpretações pretéritas que formam as sociedades indígenas. A oralidade logo, não é apenas uma preservadora de memória, mas uma produtora. Concordamos com Aline Pachamama (2018, p.137) ao ressaltar que o tecimento oral é responsável pela afirmação da contemporaneidade da memória indígena nos espaços atuais quanto que a história oral das mulheres indígenas possibilita valorizar a sensibilidade histórica, sinalizando a interpretação da emoção, a felicidade, o medo, a rejeição, dentre outros sentidos que estruturam a vida cotidiana. Lembramos que esse espaço de construção de narrativas está para além dos territórios. Está nas ocupações urbanas da mulher indígena em seus mais diversos modos de vida. Uma presença que carrega uma identidade, como vimos tratando desde o início desses escritos. Empréstimo aqui as palavras da parentíssima Aline Pachamama ao dizer que nossas terras foram ocupadas com muita violência e nós somos obrigados a vir para centros urbanos. E também temos que estar aqui para lutar por nossos direitos. Mas, continuamos sendo indígenas. Continuamos com a nossa cultura, nossa identidade, nossa ancestralidade, nossa espiritualidade, nossa cosmologia. (PACHAMAMA, 2018, p.33).

Falar da oralidade como parte da memória é observar as formas de institucionalização do saber milenarmente acumulado pela tradição oral das populações originárias. Mas dentre os inúmeros mecanismos para a fixação dessa memória, levando em consideração a presença dos povos indígenas nos campos comunicacionais e ambientes virtuais, é necessário pensar uma ferramenta capaz de ultrapassar as páginas de papel, ampliar múltiplas vozes e desterritorializar as representações que permeiam a formação identitária da mulher indígena. Assim, apontamos uma artesanaria comunicacional como uma das possíveis respostas para resistência identitária: o podcast e rádio.

Nesse espaço entre sujeitos comunicantes, proporcionado pelo registro de falas, é que se encontram as discursividades capazes de oferecer a experiência da transculturação em um campo de subjetividades e multiplicidades, que permitem o enquadramento de memórias e ideias na fala. Enquanto o podcast materializa e guarda na web as vivências captadas, o programa amplia a escuta para lugares onde a internet ainda não é acessível, em especial, nas comunidades onde vivem mulheres indígenas.

Ao falar de podcast e rádio, não nos ateremos às características técnicas do gênero, mas nos aprofundaremos em pensar essas mídias a partir da problematização da estética sonora trazida pelo podcast antropofágico. O novo conceito propõe pensar nas formas de interação do gênero com o ecossistema social e os diferentes níveis de percepção da realidade e construção de subjetividades, trata-se de fazer construções de sentido de uma perspectiva crítica e mais autônoma a partir dessa prática midiática alternativa (SANTOS; AGUIAR, 2019, p.5). É criar espaços onde haja o devoramento mútuo de identidades ao mesmo tempo ocorre a fala e escuta durante as entrevistas do Kunhantã. É não se prender

¹Trabalho apresentado no Intercom Júnior – IJ05 – Comunicação Multimídia do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

²Graduada no curso de Comunicação Social-Jornalismo da UFRR, email: galvaoadria11@gmail.com

³Orientadora do trabalho. Professora do curso de Jornalismo e do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFRR, email: lisiaguiar@gmail.com

a temas pré-estabelecidos, mas sim dançar conforme a música toca, a partir da identidade e vivência das envolvidas e tensionar condições já estruturadas para tal mídia.

Lisiane Aguiar e Luan Santos propõem que assim como a antropofagia, o podcast tem como uma das características principais desde seu surgimento, o exercício crítico de delimitar normatizações dos padrões radiofônicos. Busca pensar uma linguagem que possibilita mais liberdade de produção e comunicação entre os sujeitos, sejam eles produtores ou ouvintes (SANTOS; AGUIAR, 2019, p.111). Ora, um campo de democratização de sujeitos e discursos deve então potencializar movimentos identitários do ser, movimentos possíveis pelo acionamento da memória. Daí apresento-lhes o podcast e rádio não somente como uma “zona de trânsito” entre sujeitos, mas um espaço onde as memórias também possam transitar, tornando-se assim um guardador de subjetividades que permeiam a identidade do sujeito, um guardador de memórias. Nesse sentido, consideramos o guardador de memórias em uma dimensão documental que permite a lembrança dos contextos sociais e culturais para além da estática. Apesar de ter sua disponibilidade na web de forma atemporal, uma outra peculiaridade dessa mídia se dá na capacidade de fazer recortes espaciais temporais da realidade entregues em contextos únicos nos quais ao mesmo tempo são discursos e processos de estocagem de memória. Quando falamos de um podcast e programa de rádio construído a partir da participação de mulheres indígenas, que carregam consigo pulsantemente suas identidades, observa-se os acionamentos memorialísticos que permeiam o conteúdo, capazes de agir coletivamente em defesa da manutenção das identidades. Deve-se ressaltar que a iniciativa da realização do programa de rádio partiu da necessidade de ampliação de escuta daquelas pessoas que não possuem acesso à internet. Em especial, mulheres indígenas aldeadas que vivem em Roraima. O Kunhantã é uma manifestação da memória. Ele se constitui de identidades que constroem o saber a partir da mulher indígena. O movimento de descoberta das identidades no início das gravações é o primeiro ato de afirmação das histórias dessas mulheres. Muitos processos pretéritos que cada mulher carrega em sua formação identitária, quando narrados na produção de áudio, formam uma produção de sentidos tanto para quem produz, quanto para quem escuta, abrindo portas para as possibilidades de despertar memórias de mais pessoas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No ato de cartografar a produção, concluímos que o “Kunhantã” é capaz de materializar os saberes carregados por essas mulheres a partir da gravação e publicação das narrativas no espaço virtual; acionar a memória por meio da verbalização dos conhecimentos que permeiam os processos pretéritos dos sujeitos; reafirmar a identidade que constitui a mulher originária por meio da memória; produzir uma mídia que reivindique a fala a partir da ótica da mulher indígena e direcione estratégias que ampliam o protagonismo e a autonomia comunicacional de mulheres indígenas. Dessa forma, entendemos que os arranjos teóricos e as experiências empíricas são processos dinâmicos e culturais, especialmente no eixo da comunicação, e que refletir sobre essa ordem abre sempre novas visões e práticas do pensar metodológico. Essa abertura de mundo nos dá então a capacidade de desempenhar outras formas de articular ações eficazes a ponto de compor a artesanaria identitária e comunicacional indígena, se

¹Trabalho apresentado no Intercom Júnior – IJ05 – Comunicação Multimídia do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

²Graduada no curso de Comunicação Social-Jornalismo da UFRR, email: galvaoadria11@gmail.com

³Orientadora do trabalho. Professora do curso de Jornalismo e do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFRR, email: lisiaguiar@gmail.com

apropriando dos conhecimentos absorvidos no âmbito urbano para a produção de memórias que estruturam os saberes originários. A oralidade logo, não é apenas uma preservadora de memória, mas uma produtora, pois o tecimento oral é responsável pela afirmação da contemporaneidade da memória indígena nos espaços atuais quanto que a história oral das mulheres indígenas possibilita valorizar a sensibilidade histórica, sinalizando a interpretação da emoção, a felicidade, o medo, a rejeição, dentre outros sentidos que estruturam a vida cotidiana. Lembramos que esse espaço de construção narrativas está para além dos territórios. Está na comunicação multimídia da mulher indígena em seus mais diversos modos de vida. Está em Yara, Iterniza, Argênia, Eliane, Glycya, Alcineia, Leoneide, Mayra, Márcia, Georgina, Adrielle, Suenia, Evilene e todas aquelas que são, como destaca Sony Ferseck, mulheres que fazem sol. Elas que são como árvores frutíferas, grandes e resistentes, que compartilharam saberes comigo e com o mundo, as benzedeiras, as parteiras, escritoras, médica, artistas, comunicadoras, lideranças e gente. Finalizo com a excelente frase de Alcineia Pinho, vice-coordenadora regional da comunidade indígena Campinho, região Serra da Lua, dita durante a entrevista para o Kunhantã “eu quero ser a mulher que levanta o cocar das outras mulheres sem dizer que está torto”. Assim, sigamos reflorestando a comunicação e os espaços que nossos pés suavemente pisarem.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Lisiane. *descolonizaREterritorializar* as metodologias: micropolíticas críticas e problematização da experiência na investigação com comunicadores indígenas. In: WOLTRICH, Laura; ROSÁRIO, Nísia Martins do. **Experiências metodológicas na Comunicação**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022.

AGUIAR L.M.; SANTOS,L.C.C., **Podcast Macunaína: A construção de um podcast antropofágico como crítica à Estética da Linguagem Sonora**, 2019.

AMADO, Luiz H. Eloy. **Vukápanovo - o despertar do povo Terena para os seus direitos: movimento indígena e confronto político**. p. 241, 2019.

ASSIS, Maria José Paulino. **Registro de Memórias: uma questão identitária**. Mamanguape, Paraíba, 2015.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. Tradução Maria Leticia Ferreira. 2. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs - capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. V. 1.

DELGADO, L.A.N. **História Oral e narrativa: tempo, memória e identidades**, 17p, 2003.

GRAÚNA, Graça. **Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil**. Belo Horizonte, Mazza, 2013.

GRAÚNA, Graça. Ernanani M. dos Santos E Waldênia L. de Carvalho. **Direitos Humanos em movimento**. Recife: Edupe, 2011, p.18.

¹Trabalho apresentado no Intercom Júnior – IJ05 – Comunicação Multimídia do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

²Graduada no curso de Comunicação Social-Jornalismo da UFRR, email: galvaoadria11@gmail.com

³Orientadora do trabalho. Professora do curso de Jornalismo e do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFRR, email: lisiaguiar@gmail.com

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

JEROME, Rothenberg. *Etnopoesia do milênio*. Rio de Janeiro Azougue Editorial, 2006, p.80.

KRENAK, Ailton. **Ideais para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das letras, 2019, 57f.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu. Palavras de um xamã Yanomami**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

LABREA, V. da C. V., & de Souza Reis, D. R.. **Quando rezo é canto, quando canto é rezo: trajetória educativa de um Coletivo de Cantantes e Brincantes na Educação do Campo Kilombola**. *Revista Brasileira De Educação Do Campo*, 6, 2020.

LIMA, Ariene dos Santos. **Comunicação indígena em Roraima e a criação de novas territorialidades digitais: Rede Wakywai, resistências e saberes amazônicos**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, 2022.

CARNEVALE, Marcelo. A palavra como flecha. Entrevista com Marcia Mura. Disponível em: amazoniareal.com.br. Acesso em: 20/07/2023.

PACHAMAMA, Aline Rochedo. **Mbaima Metlon: Narrativas de mulheres indígenas em situação urbana**. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2019.

PAULON, Simone Mainieri; ROMAGNOLI, Roberta Carvalho. **Pesquisa-intervenção e cartografia: melindres e meandros metodológicos**. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, vol. 10, núm. 1, Rio de Janeiro, 2010.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**. In HERKENHOFF, Paulo; PEDROSA, Adriano. *Roteiros, Roteiros, Roteiros, Roteiros, Roteiros, Roteiros, Roteiros*. São Paulo: A Fundação, 1998.

SILVA, FÁDIA CRISTINA M.O. *Memórias discursivas: da rádio ao podcast. Navegando nas ondas do interdiscurso*. Pedra Branca, 2022.

SOUZA, T. C. C. **Discurso e oralidade : um estudo em língua indígena**. 1994. 387 p. Tese (doutorado em linguística). Instituto de Estudos da Linguagem. Universidade Estadual de Campinas - Campinas. 1994.

CASTRO, V. Eduardo. ARACÊ – Direitos Humanos em Revista | Ano 4 | Número 5 | Fevereiro 2017. p.187.

¹Trabalho apresentado no Intercom Júnior – IJ05 – Comunicação Multimídia do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

²Graduada no curso de Comunicação Social-Jornalismo da UFRR, email: galvaoadria11@gmail.com

³Orientadora do trabalho. Professora do curso de Jornalismo e do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFRR, email: lisiaguair@gmail.com